

Comportamento Semanal de Mercado

28 de julho a 4 de agosto



Ajustes nas estruturas a termo

O fator de grande impacto aos ativos financeiros na semana que se passou, foi o rebaixamento da nota de crédito de longo prazo dos EUA da avaliação máxima de 'AAA' para 'AA+' pela Fitch. A consequência imediata foi a elevação da inclinação da curva de juros soberanos. O retorno das *treasuries* de 10 anos subiu 0,09 p.p. para 4,05% a.a. e o de 30 anos aumentou 0,18 p.p. para 4,21% a.a.. Os principais mercados de títulos soberanos tiveram comportamento similar. Com uma correlação positiva com a rentabilidade dos títulos, o dólar ganhou força. O *Dollar Index* subiu 0,39% e o índice das moedas emergentes exibiu uma queda de -1,91%. Com uma divisão nos votos e alguma surpresa, o Copom anunciou um corte de -0,50 p.p. na Selic para 13,25% a.a.. Porém de forma unânime anunciou que, se confirmado o cenário esperado, haverá redução da mesma magnitude nas próximas reuniões. Ressaltou que a extensão e tamanho dos cortes dependerá da evolução dos componentes mais sensíveis à política monetária e à atividade, das expectativas de inflação, em particular as de maior prazo, das suas projeções de inflação, do hiato do produto e do balanço de riscos. Com esta decisão, o mercado futuro de juros apresentou queda maior nos prazos mais curtos. Com o recuo semanal de -0,20 p.p. na taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias e a alta de 0,04 p.p. para 4,15% na inflação esperada para os próximos 12 meses, a taxa real de juros *ex-ante* saiu de 6,93% a.a. para 6,70% a.a., permanecendo bem acima dos 4,5% a.a. considerado como neutro pelo Banco Central. Para a semana que se adentra, é importante o monitoramento das medidas de núcleo e de inflação subjacente do IPCA de julho. Após a produção industrial apontar ligeira alta mensal de 0,09% em junho e indicar estagnação, os números das pesquisas mensais de comércio e serviços e o índice de atividade do BC (IBC-Br) devem mostrar o termômetro para a desaceleração da atividade. Adicionalmente, merecem destaques os índices de inflação ao consumidor e produtor nos EUA e na China e para o índice de confiança do consumidor de Michigan.

Expectativas

IPCA - Mediana das projeções

IPCA (%)			
Mediana - agregado			
	04/08/2023	Últ. Semana	Há 4 semanas
jul/23	0,08	0,09	0,21
ago/23	0,29	0,30	0,26
set/23	0,28	0,28	0,30
2023	4,84	4,84	4,95
2024	3,88	3,89	3,92
2025	3,50	3,50	3,60

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Em relação à versão da semana anterior, as projeções no Boletim Focus trouxeram poucas alterações no que se refere à dinâmica inflacionária. A mediana das expectativas para o IPCA de julho oscilou de 0,09% para 0,08%, a de agosto passou de 0,30% para 0,29% e a de setembro manteve-se em 0,28%. Com isso, a projeção para 2023 permaneceu em 4,84%, acumulando queda de -0,11 p.p. em 4 semanas. Movimento semelhante foi verificado no horizonte relevante para a política monetária, 2024 e em grau menor 2025. Para 2024, a previsão caiu -0,01 p.p. na semana para 3,88%, acumulando uma retração de -0,04 p.p. em 4 semanas. Enquanto para 2025, permaneceu em 3,50% (-0,10 p.p. em 4 semanas). As precificações das NTN-B-s mostraram um comportamento mais defensivo do mercado após o corte de 0,50 p.p. na Selic. Para o prazo de 1 ano, a inflação implícita subiu de 4,06% para 4,20%, a de 2 anos

passou de 4,46% para 4,60% e a de 3 anos ampliou-se de 4,80% para 4,89%. Ajustando-se à sinalização de mais 3 reduções de 0,50 p.p. na Selic, as projeções para a taxa de juros para 2023 reduziram-se de 12,00% a.a., na semana anterior, para 11,75% a.a.. Com a extensão do ciclo de cortes nos 2 anos seguintes, as taxas encerrariam em 9,00% a.a. ao final de 2024 (9,25% a.a. anteriormente) e em 8,50% a.a. para 2025 (8,75% a.a. antes). O crescimento esperado do PIB subiu de 2,24% para 2,26% para 2023, permanecendo em 1,30% para 2024 e em 1,90% para 2025. Com depreciação de -0,20%, espera-se que a taxa de câmbio termine 2023 em R\$/US\$ 4,90. Para 2024 e 2025 continuaram em R\$/US\$ 5,00 e R\$/US\$ 5,08, respectivamente. Por fim, o déficit primário projetado em relação ao PIB manteve se em -1,00% para 2023, em -0,80% para 2024 e em -0,60% para 2025.

Internacional

Com impacto relevante nos mercados financeiros, a *Fitch Ratings* rebaixou a nota de crédito de longo prazo dos EUA da avaliação máxima de 'AAA' para 'AA+', com uma perspectiva estável. A alteração refletiria a expectativa de deterioração do quadro fiscal nos próximos 3 anos e o aumento da dívida pública. Pelas suas projeções, o déficit público aumentaria de 3,7% do PIB em 2022 para 6,3% do PIB em 2023, 6,6% em 2024 e 6,9% em 2025. A dívida pública ficaria em 112,9% do PIB em 2023, bem acima da mediana de 39,3% entre países com a nota de crédito 'AAA', assim como da mediana de 44,7% entre os com nota 'AA+'. A agência de riscos tem a expectativa de uma "recessão moderada" no 4T23, com o PIB crescendo 1,2% em 2023 e 0,5% em 2024. Por fim, em relação à política monetária, a Fitch projeta mais uma alta de juros de 0,25 p.p. para uma faixa de 5,5% a 5,75%.

Apesar dos sinais de desaceleração na margem, o mercado de trabalho dos EUA continua sólido, reduzindo a probabilidade da formação de um processo recessivo. Em julho foram gerados 187 mil postos de trabalho, menos do que os 200 mil esperados. De acordo com o Departamento de Trabalho, em julho, foram adicionados empregos em serviços de saúde, assistência social, atividades financeiras e comércio atacadista. A revisão da série apresentou também um cenário menos aquecido, com a redução do número de vagas criadas de 209 mil para 185 mil vagas em jun/23 e de 306 mil para 281 mil em mai/23. Ademais, a taxa de desemprego oscilou de 3,6% em jun/23 para 3,5% em julho. Ainda, os salários continuaram subindo de forma consistente, com uma alta mensal de 0,4% e de 4,4% a.a..

Reforçando a visão de que o mercado de trabalho segue forte, apesar do extenso aperto monetário pelo Fed para reduzir a inflação, o relatório ADP mostrou que o setor privado dos EUA gerou 324 mil novas vagas em julho, muito acima do esperado, de 175 mil, impulsionado por empregos nos setores de lazer e hotelaria.

Por sua vez, a expansão da atividade na indústria e serviços dos EUA desacelerou em julho. O índice de gerentes de compras (PMI) composto da S&P Global caiu de 53,2 pts. em jun/23 para 52,0 pts..

Na Zona do Euro, após uma estabilidade no 1T23, os dados preliminares indicaram que a economia cresceu 0,3% no 2T23, superando as expectativas de uma elevação de 0,2%. Na comparação anual, a economia avançou 0,6%, desacelerando em relação a alta de 1,1% a.a. no 1T23. Já a taxa anual de inflação ao consumidor (CPI) desacelerou de 5,5% em jun/23 para 5,3%, valor acima da expectativa de 5,2% a.a.. O núcleo, que desconsidera os preços de energia e de alimentos, registrou acréscimo de 5,5% a.a., repetindo a variação de jun/23.

Frustrando as expectativas de uma alta de 0,2%, as vendas no varejo da região caíram -0,3% em junho ante mai/23, com uma contração de -1,4% em relação à jun/22. Os dados de mai/23 foram revisados de estável para uma alta de 0,6%. E na comparação anual, a alteração foi de uma queda de -2,9% para um declínio de 2,4%. Enquanto o PMI composto, que reúne dados do setor industrial e de serviços, recuou de 49,9 em jun/23 para 48,6 nos dados finais da S&P Global, queda mais forte desde nov/22.

Na China, as sondagens de atividade indicaram resultados mistos. O PMI do setor manufatureiro subiu 0,3 pt. para 49,3 em julho, acima do consenso de 48,9 pts. com o aumento nos componentes de novos pedidos e na expectativa de produção futura. Enquanto o PMI industrial recuou de 52,3 pts. em jun/23 para 51,1 pts..

Aversão ao Risco

A alteração da nota de crédito de AAA para AA+ pela Fitch, em razão da piora do quadro fiscal e elevado endividamento dos EUA, teve impacto significativo no humor dos investidores dos principais mercados financeiros. A maior aversão ao risco pelo rebaixamento do risco soberano foi acentuada pelo anúncio do Departamento do Tesouro do aumento da venda trimestral de títulos de dívida pela 1ª vez em mais de 2 ½ anos. Na próxima semana, serão vendidos US\$ 103 bilhões em títulos de longo prazo em seus chamados leilões de reembolso trimestrais, que abrangem títulos do Tesouro de 3, 10 e 30 anos, montante superior ao total de US\$ 96 bilhões realizado na última vez.

Com os sinais de desaceleração na margem do mercado de trabalho dos EUA e uma menor probabilidade da formação de um processo recessivo, a aposta majoritária é de que o Fed faça uma pausa no ciclo de aperto monetário em setembro. Segundo a ferramenta FedWatch, do CME Group, as chances de aumento de juros em 0,25 p.p. pelo Fed que eram de 24,2% em 07/07 passaram a ser de apenas 13,5%. Entretanto, o cenário majoritário não indica cortes em 2023, de modo que a probabilidade de redução de -0,25 p.p. em 2023 era de apenas 10%.

Nesse cenário, a curva de juros inclinou para cima. O rendimento das T-Notes de 2 anos caiu -0,09 p.p. para 4,78% a.a. e o de 5 anos recuou -0,03 p.p. para 4,15% a.a.. Já o de 10 anos subiu 0,09 p.p. para 4,05% a.a. e o de 30 anos aumentou 0,18 p.p. para 4,21% a.a. Os principais mercados de títulos soberanos tiveram comportamento similar. Com o Banco da Inglaterra elevando a taxa básica em 0,25 p.p. para 5,25% a.a. e a indicação de sua manutenção em patamar contracionista até que haja a convergência da inflação para a meta de 2,0%

Com a maior aversão ao risco, as principais bolsas internacionais encerram com perdas, de -3,14% no DAX 40, de -2,85% na Nasdaq, de -2,27% no S&P, de -1,73% no Nikkei 225, de -1,69% no FTSE100 e de -1,11% no Dow Jones.

Com exceção ao preço do barril de petróleo tipo Brent que encerrou a semana com alta de 1,47% para US\$ 86,24, respondendo ao corte nas produções russa e árabe, os preços das *commodities* metálicas e alimentícias recuaram, com destaques para as reduções de -2,91% no minério de ferro negociado em Qingdao e de -2,88% na saca de soja em Chicago.

Com a piora na aversão ao risco nos mercados globais, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, subiu 10,20 bps. para 173,98 bps.. Ainda, apesar do início da flexibilização monetária, o Ibovespa fechou com uma queda de -0,57%.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	04/08/2023	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	119.508	-0,6%	0,0%	12,9%
Nasdaq	13.909	-2,8%	0,9%	9,3%
S&P	4.478	-2,3%	0,7%	7,9%
Dow Jones	35.066	-1,1%	2,3%	7,1%
FTSE 100	7.564	-1,7%	1,6%	1,6%
DAX 40	15.952	-3,1%	0,1%	16,8%
Nikkei 225	32.193	-1,7%	-3,4%	15,3%
Xangai	3.288	0,4%	2,0%	3,1%

T-Note

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Câmbio

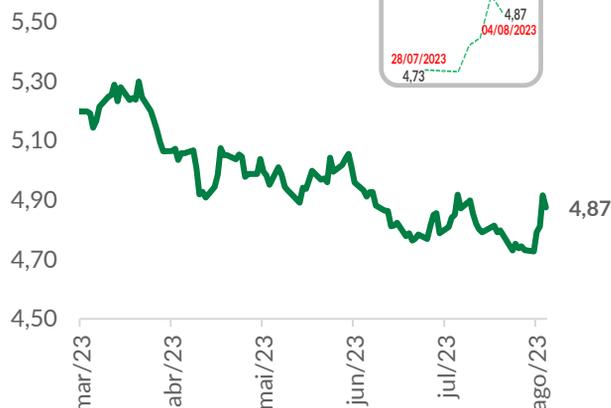
Com uma correlação positiva com a rentabilidade dos títulos públicos dos EUA, o dólar ganhou força na semana, tanto quando comparado com as moedas dos países mais avançados quanto com as dos emergentes.

Na semana, o *Dollar Index*, que mede a variação da divisa norte-americana em relação às dos países desenvolvidos, subiu 0,39%, refletindo as depreciações de 0,80% na libra esterlina e de 0,09% no euro.

Com pior desempenho, o índice de emergentes, que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes frente ao dólar, exibiu uma queda de -1,91%, com destaques para as depreciações de 4,69% no rand sul-africano, de 4,08% no rublo russo, de 3,60% no peso colombiano, de 2,36% no peso mexicano e de 2,07% no peso argentino.

Por sua vez, com desempenho abaixo da média de seus pares emergentes, o real encerrou a semana com depreciação de 3,03%, com o dólar cotado a R\$ 4,87. Entretanto, ainda acumula apreciação de 6,53% nos últimos 12 meses. O início do ciclo de flexibilização monetária no cenário doméstico, em meio ao aperto monetário nos países desenvolvidos, diminuindo o diferencial entre as taxas de juros reduz o espaço para movimentos de arbitragem. O Banco Central finalizou a rolagem de *swaps* cambiais com vencimento em setembro para 01/03/24 e 01/07/24.

Real/US\$



Dollar Index



Índice de Emergentes*



*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Copom - Ago/23

A melhora do quadro inflacionário, refletindo em partes os efeitos defasados da política monetária, concomitantemente à queda das expectativas de inflação para prazos mais longos, com a manutenção da meta de inflação para os próximos anos em 3,0%, e a redução dos prêmios de riscos subsidiaram a decisão do Copom de iniciar o ciclo gradual de flexibilização monetária, com um corte de 0,50 p.p., levando a taxa Selic para 13,25% a.a.. O Comitê avaliou com alternativa uma redução em menor ritmo, de 0,25 p.p., prevalecendo por 5 votos a deliberação por um corte maior. Esta decisão seria compatível com a estratégia de convergência da inflação para o redor da meta ao longo do horizonte relevante. Apesar da divisão do comitê, houve unanimidade entre os membros de que os próximos cortes deverão ser de mesma magnitude. Assim, na ausência de novos fatores, a volatilidade na curva de juros tende a ser menor.

Desde a última reunião, as expectativas de inflação para os anos de 2023, 2024 e 2025 apuradas pela pesquisa Focus recuaram, respectivamente, de 5,1% para 4,8%, de 4,0% para 3,9% e de 3,8% para 3,5%. No seu cenário de referência, a projeção do BC recuou -0,10 p.p. para 4,9% para 2023 e permaneceu em 3,4% para 2024. Como novidade, houve a inclusão da projeção de 3,0% para 2025, que passou a ser considerado também no horizonte relevante, ainda que em menor grau.

Este cenário tomou como premissa uma trajetória de juros que partia de 13,75% a.a. para 12,00% a.a. ao final de 2023, para 9,25% a.a. ao término de 2024 e para 8,75% a.a. ao final de 2025 e a taxa de câmbio que partiria de USD/BRL 4,75, evoluindo segundo a paridade do poder de compra (PPC). O preço do petróleo seguiria aproximadamente a curva futura pelos próximos 6 meses, passando a aumentar 2,0% ao ano posteriormente. Além disso, adotou-se a hipótese de bandeira tarifária "verde" em dezembro de 2023, 2024 e 2025.

Na atualização dos fatores de riscos, o Comitê destacou de um lado, a persistência das pressões inflacionárias globais e uma maior resiliência nos preços de serviços, mas por outro, uma desaceleração mais acentuada da atividade global por conta das adversidades no sistema financeiro e uma desinflação global mais intensa em função do aperto monetário sincronizado.

Ponderou, ainda, que a atual conjuntura, caracterizada por um estágio do processo desinflacionário que tende a ser mais lento e por expectativas de inflação com reancoragem parcial, demanda serenidade e moderação na condução da política monetária. Por fim, ressaltou que a magnitude total do ciclo de flexibilização ao longo do tempo dependerá da evolução dos componentes mais sensíveis à política monetária e à atividade econômica, das expectativas de inflação, em particular as de maior prazo, de suas projeções de inflação, do hiato do produto e do balanço de riscos.

Projeções - Copom

	Cenário Básico		
	2023	2024	2025
	Cenário de Referência		
Câmbio* R\$/US\$	R\$ 4,75	R\$ 4,75	R\$ 4,75
Selic %	12,00%	9,25%	8,75%
Preços Administrados	9,40%	4,60%	3,50%
Inflação	4,90%	3,40%	3,00%

* Ajuste pela paridade do poder de compra (PPC)

** Adota-se a premissa na qual o preço do petróleo segue aproximadamente a curva futura pelos próximos 6 meses e aumentar 2,0% a.a. posteriormente.

*** Adota-se a hipótese de bandeira tarifária "verde" em dez/23, dez/24 e dez/25.

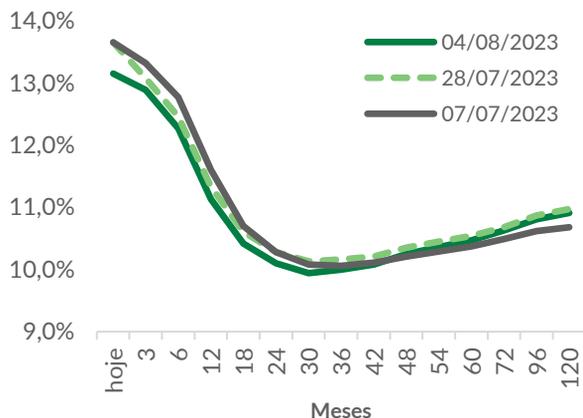
Taxa de Juros

Com a decisão do Copom em iniciar seu ciclo de cortes da taxa meta Selic em 0,50 p.p. e a sinalização de mais 3 cortes em 2023 de mesma intensidade, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) apresentou queda nas cotações ao longo da curva, com maior intensidade nos mais curtos, mais sensíveis à decisão de política monetária, e em menor intensidade nos longos, em linha com o movimento de alta no exterior.

Assim, em relação à semana anterior, a taxa de 6 meses saiu de 12,46% a.a. para 12,27%, a de 1 ano saiu de 11,33% a.a. para 11,13%, a de 2 de 10,28% a.a. para 10,10%, a de 3 de 10,16% a.a. para 10,00%, a de 4 de 10,35% a.a. para 10,25%, a de 5 de 10,54% a.a. para 10,47% e a de 10 anos saiu de 10,97% a.a. para 10,91%. Com a queda de -0,20 p.p. na taxa de juros do swap DI prefixado e com a alta de 0,04 p.p. para 4,15% na inflação esperada para os próximos 12 meses, a taxa real de juros *ex-ante* saiu de 6,93% a.a. no fechamento da semana anterior para 6,70% a.a., ainda bem acima de 4,5% a.a. considerado como neutro pelo Banco Central.

Em consonância com o cenário externo, a inclinação da curva calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano negociadas na B3 subiu 0,14 p.p. na semana, encerrando em -0,22 p.p., permanecendo ainda em campo negativo. Com alta de mesma intensidade (0,14 p.p.), o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, nos títulos públicos publicados pela Anbima, ficou em -0,06 p.p., voltando a se aproximar do campo positivo.

Estrutura a Termo da Taxa de Juros

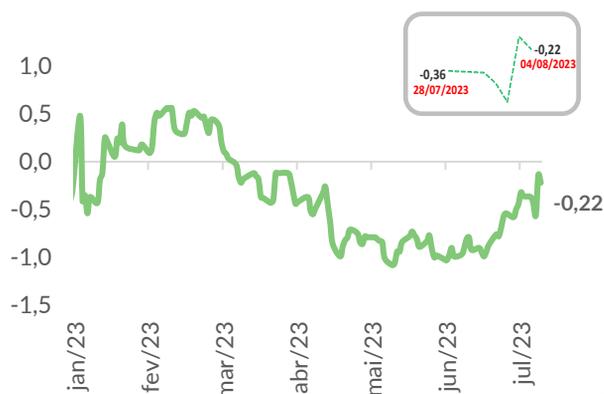


Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

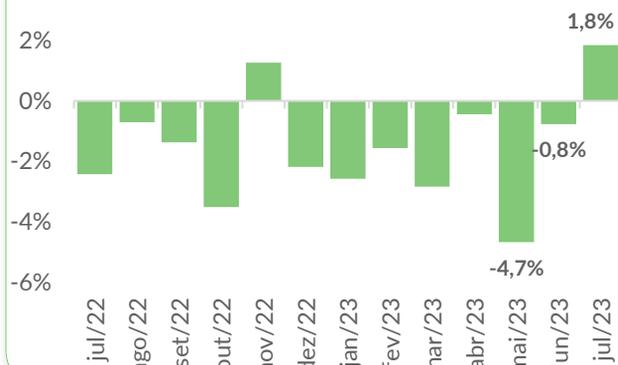
IC-Br – Jul/23

Interrompendo uma sequência de 7 quedas consecutivas, o índice de *commodities* Brasil (IC-Br) composto do Banco Central passou de 342,8 em jun/23 para 349,1, o que representou um avanço de 1,8% na margem. Porém, o indicador acumulou perdas de -3,7% no trimestre, de -10,7% no ano e de -16,4% em 12 meses (+22,6% a.a. em jul/22).

O seu equivalente internacional, o índice *Commodity Research Bureau* (CRB) manteve uma trajetória similar, passando de 387,2 em jun/23 para 390,2, encerrando o mês com uma alta na margem de 0,8%, acumulando retrações de -2,6% no trimestre, de -8,2% no ano e de -13,8% em 12 meses (+8,1% a.a. em jul/22).

Analisando-se a abertura do IC-Br, o componente energia (petróleo Brent, gás natural e carvão) alavancou o movimento do mês, com alta de 3,5% (-48,7% a.a.), seguido pelo grupo de agropecuária (carne de boi, carne de porco, algodão, óleo de soja, trigo, açúcar, milho, arroz, café, suco de laranja e cacau), com incremento na margem de 1,5% (-2,5% a.a.). Por sua vez, o índice para o grupo de metal (alumínio, minério de ferro, cobre, estanho, zinco, chumbo, níquel, ouro e prata) encerrou o mês com alta de 0,9% (-8,2% a.a.).

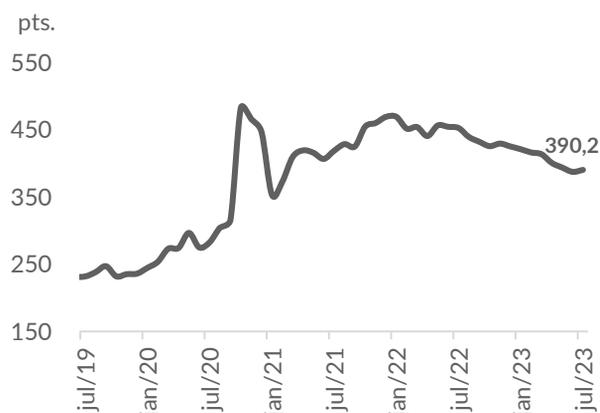
Índice de *Commodities* Composto Variação mensal



Variação Anual



Índice CRB*



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

*CRB: Índice de preços de *commodities*, baseado no mercado à vista, calculado pelo *Commodity Research Bureau*. O índice é uma medida dos movimentos de preços de produtos básicos mais sensíveis a mudanças nas condições econômicas.

Produção Industrial – Jun/23

Respondendo principalmente à política monetária contracionista, embora também a problemas industriais, a produção industrial apresenta-se na prática estagnada. Em junho, a produção industrial registrou uma alta mensal de 0,09% após crescer 0,33% em mai/23, na série com ajuste sazonal. O resultado foi alavancado pela produção extrativa mineral que subiu 2,95% na margem, uma vez que a indústria de transformação registrou uma queda mensal de -0,19%.

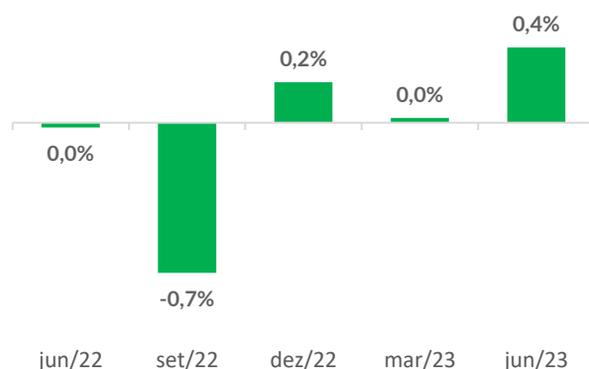
Com isso, o desempenho no trimestre foi de uma alta de 0,36%, após apresentar estabilidade em relação ao 1T23 e no 2T22, também na série dessazonalizada. Ainda no 2T23, a produção de bens de capital apresentou forte contração de -4,83%, seguida pela queda de -0,12% na dos bens de consumo. Por outro lado, foram observadas elevações de 1,14% na produção dos bens intermediários e de 0,35% no de consumo duráveis. Vale registrar que o período contou com várias paralisações em fábricas, com férias coletivas e reduções de jornadas.

Entretanto, a variação anual da produção industrial acumulada em 12 meses voltou a campo positivo, saindo de uma retração de -0,01% em mai/23 para uma alta de 0,07% (-2,64% a.a. em jun/22) e um carregamento estatístico de apenas 0,15% para 2023. Na abertura, a produção extrativa mineral encerrou com elevação de 1,24% a.a. ante queda de -0,14% em mai/23 e de -1,80% em jun/22, enquanto a da indústria de transformação fechou com queda de -0,24% a.a. contra retrações de -0,10% em mai/23 e de -2,72% em jun/22.

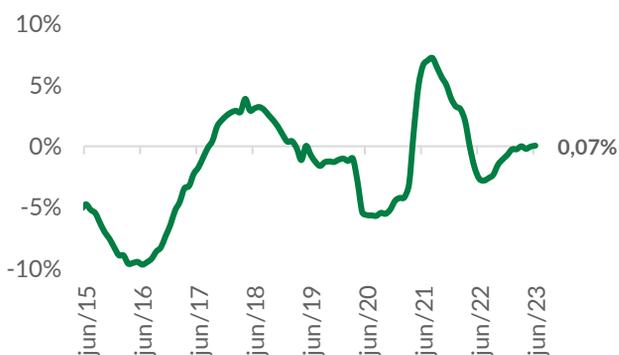
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação no Trimestre Com ajuste sazonal



Variação Anual Volume acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

Balança Comercial – Jul/23

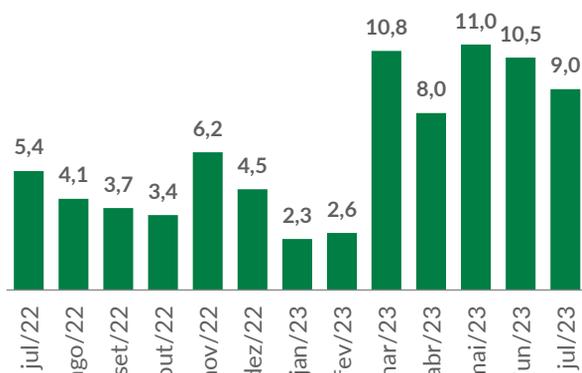
Mantendo o bom desempenho dos últimos meses, o saldo da balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 9,0 bilhões em julho, configurando um crescimento de 68,7% perante a jul/22. O resultado adveio de US\$ 29,0 bilhões de exportações (-2,6% a.a.) e de US\$ 20,0 bilhões de importações (-18,2% a.a.) produzindo uma corrente de comércio de US\$ 49,0 bilhões (-9,6% a.a.).

A combinação de uma demanda externa resistente, de preços das commodities internacionais elevados e da perda de fôlego nas importações contribuiu com a dinâmica. No acumulado do ano, anotou-se um superávit de US\$ 54,1 bilhões, um avanço de 36,6% perante igual período de 2022. Nesse sentido, foram US\$ 194,7 bilhões em exportações (+0,4%) e US\$ 140,6 bilhões em importações (-8,9%). Nesta métrica, o volume de exportações cresceu 9,9%, enquanto os preços cederam -7,7%. Analisando-se a dinâmica por setor, o crescimento das exportações no ano foi impulsionado pela agropecuária (+6,1%), reforçando as perspectivas de que o desempenho do agro será um dos pilares de sustentação da economia brasileira em meio à desaceleração prevista para 2023. Destaques para os embarques de soja, óleos brutos de petróleo e minério de ferro. Por sua vez, a indústria de transformação e extrativa mineral acumularam, no período, quedas de -0,8% e -3,8%, respectivamente.

As importações apresentariam um aumento no acumulado no ano de 1,0% no volume e queda de -7,5% nos preços, acompanhando as menores pressões nos custos de fertilizantes, combustíveis e carvão. Dentre as categorias econômicas, destaques para o crescimento das importações de bens de consumo (+19,9%) e bens de capital (+13,58%), enquanto combustíveis (-21,6%) e bens intermediários (-13,4%) computaram perdas. O saldo comercial acumulado em 12 meses somou US\$ 76,0 bilhões, levando a variação anualizada para 5,1% a.a. ante 2,2% a.a. em jun/23 (-3,4% a.a. em jul/22). As exportações revelam uma trajetória de desaceleração, saindo de 8,8% a.a. em jun/23 para 7,0% a.a. (24,8% a.a. em jul/22), enquanto para importações acentuou-se a tendência de arrefecimento de 5,3% a.a. em jun/23 para 1,0% a.a. (37,9% a.a. em jul/22).

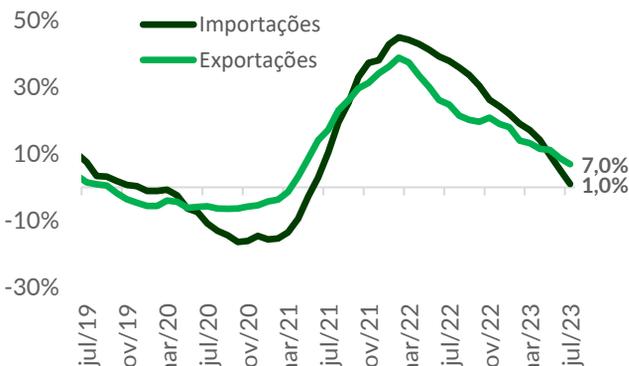
Saldo Comercial Mensal

US\$ bilhões



Variação Anual

Acumulado em 12 meses



Balança Comercial

Acumulada em 12 meses - em US\$ bilhões



Fonte: MDIC.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,2	1,3
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	6,9	8,3
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	8,5	8,9
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,8	3,9
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,1	4,0
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,50
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	66,0	62,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-40,0	-44,3
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,80	5,00
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,0	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,5	-6,9
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,6	63,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	76,7	79,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688